



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

NATÁLIA MENDES MAZZAFERA

**A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NA FORMAÇÃO CULTURAL E SUAS
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

**Salvador-BA
2008**

NATÁLIA MENDES MAZZAFERA

A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NA FORMAÇÃO CULTURAL E SUAS
CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Monografia apresentada ao Colegiado de
Pedagogia da Faculdade de Educação -
Universidade Federal da Bahia, como requisito
para conclusão do curso de Pedagogia sob a
orientação da professora Dra. SANDRA MARINHO
SIQUEIRA.

Salvador

2008

NATÁLIA MENDES MAZZAFERA

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM VISUAL NA FORMAÇÃO
CULTURAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS.

Aprovada em: ___/___/___

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dra. Sandra Marinho Siqueira
Faculdade de Educação da UFBA
(orientadora)

Prof. Ms. Rilmar Lopes Rios
Faculdade de Educação da UFBA

Prof. Ms. Ana Paula Albuquerque
Faculdade de Educação da UFBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às forças superiores a nós, que nos transmitem paz e segurança, essas forças na minha religião são chamadas de: Deus, Jesus, Maria e todos os santos e anjos que compõem esse grupo de Fé.

A Maritense, minha mãe, a melhor educadora que eu poderia ter, a historiadora menos radical, a pedagoga mais rígida, a filósofa mais compreendida, o meu exemplo de vida, minha adorável e sempre companheira de todas as horas. A Fran, o meu pai cultural e espiritual, aquele que está muito além dos laços consangüíneos.

A Pimpo, meu avô, o homem que me passou os valores da vida, que me ensinou a ser ética e a respeitar o próximo, o homem mais inteligente e culto que pude conhecer e a Mima, minha avó, por todo o amor que me dedica, por saber que sempre poderei contar com suas palavras.

A Eduardo, meu querido e adorado Du, por fazer parte desses quatro anos de faculdade, desses quatro anos de crescimento. A Selma, Manoel Jerônimo e Daniel por me adotarem, com tanto carinho, na família.

Aos meus primos: Victor, por ser meu irmão mais velho, que sempre posso contar, e a Binha por não ter poupado auxílio nos momentos que meu computador me pregou peças.

A prof. Sandra Marinho, que muito mais que orientadora monográfica foi uma companheira de ideais, uma pessoa que respira igualdade.

Ao Irmão Jesuíta Marcos Epifânio, por ser mais que um corretor de monografia, ser um amigo, uma pessoa que além de seguir os ideais de Santo Inácio, os pratica.

Aos meus colegas de faculdade, em especial as amigas desde a matrícula, companheiras de tantos e tantos trabalhos: Larissa, Esmeralda e Patrícia. E a Michele, amiga de poucas matérias, mas de muitas conversas.

Aos Meus amigos do Vieira, em especial Adriana e Rafael, amigos que se fazem presentes mesmo na distância.

Ao Colégio Antônio Vieira e a Universidade Federal da Bahia, por fazerem parte da minha formação.

As Instituições que estagiei ao longo do curso: Escola Tempo de Criança, Colégio São José, anexo Ao Nossa Senhora do S. S. Sacramento - Sacramentinas, Curso de Especialização em Gestão Escolar.FACED/UFBA, EJACAV – Educação de Jovens e Adultos do Colégio Antônio Vieira e SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

RESUMO

A Linguagem visual se fez presente, antes mesmo do surgimento da escrita. Através deste tipo de comunicação os homens pré-históricos deixaram legados fundamentais para compreensão do estilo de vida que levavam, apesar desta não ter sido a intenção fundamental. A presença da linguagem visual acompanhou as mudanças histórico-sociais sofridas pelo mundo ao longo do tempo e influenciou ideologias e conseqüentemente tendências pedagógicas. A questão é: Reconhecemos a importância dessa ferramenta comunicativa? Em que momento há utilizamos como instrumento de aprendizagem na modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos)? É de fundamental importância entendermos que tal modalidade de ensino é específica para pessoas adultas que por algum motivo social, não puderam estudar e concluir os estudos no tempo que consideramos regular. A cultura imagética dos educandos adultos não pode ser desprezada pela linguagem escrita, por isso a compreensão e exploração da iconografia (escrita da imagem) se faz necessário. O trabalho ora proposto utilizou-se como metodologia prioritária a pesquisa bibliográfica e documental, bem como o uso de técnicas de observações in lócus da investigação. Como principais referências teóricas recorremos às obras de Paulo Freire (1975, 1983, 1988), Maria Lúcia Gomes da Silva (2008) e Maria Helena Wagner Rossi (2003) Por fim, o trabalho estrutura-se em três capítulos: A dimensão histórico-social da imagem; A leitura do mundo precede a leitura da palavra; Observação prática: A linguagem imagética como recurso metodológico em aulas de Catecumenato (Catequese para jovens e adultos) e a conclusão.

Palavras Chaves: Imagem, Educação de Jovens e Adultos, Cultura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Menina Lobo.....	10
FIGURA 02 – Era Glacial: Cabeça de boi.....	12
FIGURA 03 – Bicho homem.....	13
FIGURA 04 – Coletores de Mel.....	13
FIGURA 05 – Pecuária.....	14
FIGURA 06 – Dança.....	14
FIGURA 07 – Cruz de madeira.....	17
FIGURA 08 – Saci - pererê.....	20
FIGURA 09 – Lobisomem.....	21
FIGURA 10 – Bumba meu boi.....	22
FIGURA 11 – Vista aérea de Vila Velha, ES.....	26
FIGURA 12 – Bairro da Liberdade em Salvador, BA.....	26
FIGURA 13 – Chico Bento.....	27
FIGURA 14 – Sala de aula I.....	29
FIGURA 15 – Sala de aula II.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A DIMENSÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA IMAGEM	10
1.1 A imagem e o desenvolvimento histórico.....	10
1.2. A importância social da imagem e suas representações no imaginário popular.....	16
1.3. A leitura de mundo precede a leitura da imagem.....	23
2. A LEITURA DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS ATRAVÉS DAS IMAGENS ..	29
2.1. Tendência Tradicional	29
2.2. Tendência Libertadora	33
3. OBSERVAÇÃO PRÁTICA: A LINGUAGEM IMAGÉTICA COMO RECURSO METODOLÓGICO EM AULAS DE CATECUMENATO	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO A – IMAGENS BÍBLICAS	49

INTRODUÇÃO

A Linguagem Visual fez parte da nossa cultura ainda quando estávamos nos estágios da Pré-história. Surgida antes da escrita, as pinturas rupestres foram importantes ferramentas para compreensão do mundo em que viviam nossos antepassados. A própria evolução é revelada pelas figuras, que através dos elementos, das cores e formas, pode-se detectar o período.

Com a evolução humana, o surgimento da escrita e o início da história, a linguagem visual passou a continuar entre nós, sem muitos questionamentos, simplesmente as aceitamos de maneira automática como se fossem inerentes a nós, por isso muitas vezes somos incapazes de perceber que as imagens estão o tempo inteiro dentro das ideologias que permeiam o mundo.

As Imagens nos dizem o que vestir, o que comer, como se aparentar, fazem parte do nosso dia-dia, mas será que as entendemos? Será que relacionamos ideologia com estética? Temos que estar atentos para as representações visuais dos pensamentos ideológicos.

A estética está por toda parte, nas ruas, nas casas, nas famílias, nas pessoas e como não poderia deixar de ser, dentro das escolas. Quando analisamos as tendências pedagógicas percebemos que a estrutura escolar está moldada no prisma ideológico.

A questão a ser levantada é: qual a importância das imagens na formação cultural e quais seriam suas contribuições para com as classes de EJA? Precisamos entender que as imagens são ferramentas relevantes para área educativa já que exercem um imenso poder sobre as pessoas.

Portanto, o objetivo desse trabalho será buscar pontos que transformam a imagem em importante ferramenta de construção de conhecimento e em que medida desconsideramos a linguagem visual, principalmente em salas de EJA (Educação de Jovens e Adultos), as quais possuem educandos que carregam consigo uma bagagem visual não desprezível em sala de aula, além de se fazer necessário interpretar as imagens que os cercam.

A Linguagem Visual poder ser caracterizada de várias maneiras, através de desenhos, pinturas, outdoor, charges, estampas, computador, filmes e outros, porém, nos deteremos, aqui, as suas rerepresentações fotográficas e aos desenhos

digitais. Todo material analisado neste trabalho são considerados como recortes do mundo real, que representam o contexto do qual foi extraído.

Além dessa introdução, este trabalho contém mais quatro partes. A primeira delas trata da dimensão histórico-social da imagem, fazendo um levantamento das pinturas rupestres, na pré-história, e das imagens que fazem parte do nosso cotidiano popular.

No segundo parágrafo, abordamos a importância das imagens para as classes de EJA (Educação de Jovens e Adultos), enfatizando a leitura de mundo imagético que os educandos têm em sua vivência social e a importância dessa leitura para a compreensão da linguagem escrita. Ainda nesse capítulo analisamos a relação entre estética e ideologia.

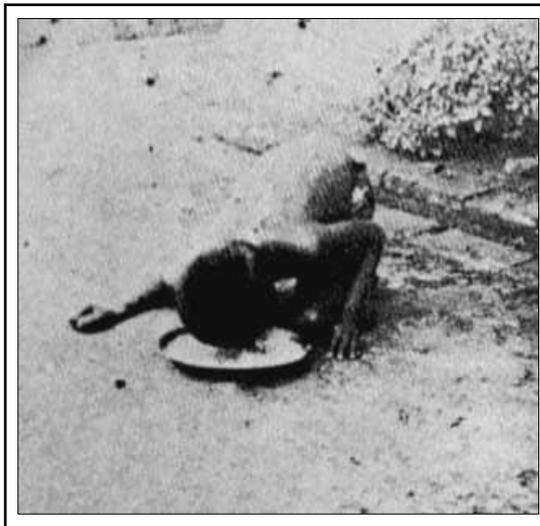
No 3º Capítulo, realizamos uma observação de cinco aulas de catecumenato (aulas de catequese para adultos), todas realizadas através do método da iconografia. Por fim, na última parte serão apresentadas as principais conclusões do trabalho.

1. A DIMENSÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA IMAGEM

1.1 A imagem e o desenvolvimento histórico

Muitos estudos já comprovaram que o ser humano possui características biológicas que se transmitem de geração a geração, possibilitando a base para a adaptação e a sobrevivência em meios as condições naturais. Na relação do homem com a natureza, em determinadas condições históricas, desenvolveu-se uma atividade específica através da qual os homens retiram as condições materiais indispensáveis à existência social, qual seja, o trabalho. A sua comunicação através da linguagem oral, escrita, visual, ou qualquer outra que diz respeito ao meio social que está inserido. É este processo que cria a base para o desenvolvimento das relações sociais, entre elas, a cultura

FIGURA 01 - Menina Lobo.



Fonte: wikipedia , 2008.

Em 1920, o reverendo Singh encontrou, em uma caverna, duas crianças que viviam entre lobos. Suas idades presumíveis eram de 2 e 8 anos. Deram-lhes os nomes de Amala e Kamala, respectivamente. Após encontrá-las, o rev. Singh levou-as para o orfanato que mantinha na cidade de Midnapore. Foi lá que ele iniciou o penoso processo de socialização das duas meninas-lobo. Elas não falavam, não sorriam, andavam de quatro, uivavam para a lua e sua visão era melhor à noite do que de dia. Amala, a mais jovem, morreu um ano após ser encontrada. Kamala viveu por mais oito anos sem, contudo, aprender a falar, ler, usar o banheiro ou a ter qualquer comportamento que pudesse ser considerado próprio de seres humanos. A única emoção que demonstrou em todos esses anos foi

algumas lágrimas que caíram de seus olhos, no dia em que Amala morreu. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Amala_e_Kamala, 2008)

O ser humano é tão cultural que por muitas vezes ele acaba naturalizando um ato totalmente cultural, por exemplo, escovamos os dentes e penteamos os cabelos praticamente de maneira automática, não nos damos conta que se tivéssemos nascidos isolados, sem nenhum tipo de contato com a nossa espécie não desenvolveríamos tais hábitos.

Não nascemos questionando, é o contato com o outro que nos permite construir nosso pensamento ao longo de nossas vidas. Se não existir o contato social, não existirá a construção do pensamento, nem a evolução do mesmo em paralelo com a linguagem.

Quando associado a uma tarefa que é importante para o indivíduo, quando associado a uma tarefa que, de certo modo, tem suas raízes no centro da personalidade do indivíduo, o pensamento realista dá vida a experiências emocionais muito mais significativas do que a imaginação ou o devaneio. Consideramos, por exemplo, o pensamento realista do revolucionário ao contemplar ou estudar uma situação política complexa. Quando consideramos um ato de pensamento relativo à resolução de uma tarefa de importância vital para a personalidade, torna-se claro que as conexões entre pensamento realista e as emoções são freqüentemente muito mais profundas, fortes, impulsionadoras e mais significativas do que as conexões entre as emoções e o devaneio.(VYGOTSKY, 1987, p. 348).

Vygotsky (1987), ao ressaltar o ambiente social em que a criança nasceu, entende que, em se modificando esse ambiente, o desenvolvimento também variará dentro do contexto. Para ele, a cultura influencia a esfera psicológica, determina e caracteriza a maneira de pensar.

Imagem, também é cultura. Muito antes da linguagem escrita nossos ancestrais já vivenciavam a linguagem visual, portanto, as primeiras produções culturais foram feitas por desenhos e pinturas que representavam significados diferentes para os povos que as faziam, tais como Lascaux, França, La Marche, perto de Lussac-les-Chateaux, França, Chauvet-Pont-d'Arc, perto de Vallon-Pont-d'Arc, França, Caverna de Altamira, perto de Santillana del Mar, Cantábria, Espanha, Caverna de Cosquer, com uma área ao nível do mar perto de Marselha. No Brasil destaca-se a Lagoa Santa, Varzelândia e Diamantina próximo à cachoeira da Sentinela, em Minas Gerais, entre outras¹.

¹ Informações disponíveis em: <http://planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo/prehistoria>.

De acordo com a fonte investigada, qual seja: Saber e fazer História. Primeiras sociedades, Antiguidade e Idade Média de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues (2004), a Pré-História da nossa família biológica surgiu a cerca de 2 milhões de anos atrás e terminou por volta de 4.000 a.C, com o surgimento da escrita.

A pré-história foi um período marcado pela ausência da escrita que teve suas marcas registradas, também, por desenhos conservados em cavernas em vários continentes do mundo. O período referido divide-se em três partes: O paleolítico, o Mesolítico e o Neolítico.

No período Paleolítico ou idade da pedra lascada, o ser humano habitava cavernas e as disputava com animais selvagens. Como ainda não havia dominado a agricultura e esgotados os alimentos da região que freqüentava, migrava para outra localidade, em busca de abrigo e alimentação.

Dessa maneira, o ser humano vivia como nômade sem habitação fixa e sobrevivia da caça de animais de pequeno, médio e grande porte, da pesca e da coleta de frutos e raízes. Usavam instrumentos e ferramentas construídos com pedaços de ossos e pedras.

Neste período, os nossos ancestrais comunicavam-se com uma linguagem oral pouco desenvolvida, baseada em limitada quantidade de sons, sem a elaboração de palavras. A linguagem visual existia através das pinturas rupestres e, com elas, o homem além de trocar idéias, também demonstravam sentimentos e preocupações cotidianas.

FIGURA 02 – Era Glacial: Cabeça de boi



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de campo).

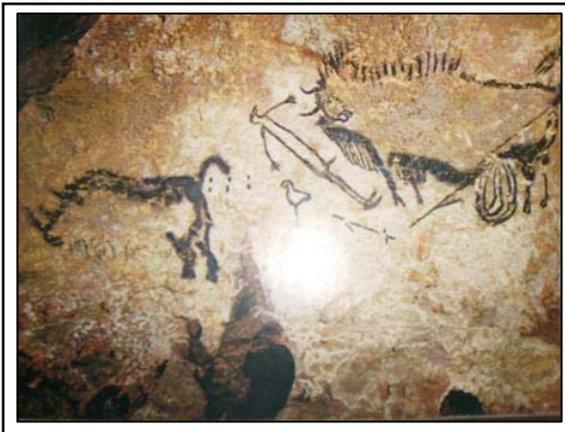
As mais antigas obras de arte da Era Glacial se caracterizam, como ocorre com os desenhos acima, por são linhas onduladas. A imagem representa um boi, encontrado na região da Espanha com idade estimada de 30.000 anos a.C. Nos desenhos desse período não havia homens, apenas animais irracionais. Até mais ou menos 10.000a.c, não existiam figuras humanas nas pinturas rupestres.

O Mesolítico, período intermediário, o homem avançou bastante rumo ao desenvolvimento e à sobrevivência de forma mais segura. O domínio do fogo foi um grande e, talvez, o maior exemplo disso. Com o fogo, o ser humano, além de espantar os animais e assar a carne e outros alimentos, também pôde clarear as noites e aquecer os corpos durante os dias de frio.

A agricultura e a domesticação de animais também surgiram nesse período de transição e através dessas novas conquistas, os homens passaram a cultivar a terra e a dominar animais, passando a depender menos da natureza.

Foi neste período que ocorreu a divisão do trabalho por sexo dentro das comunidades. Os homens ficavam responsáveis pela proteção e sustento das famílias exercendo atividades que exigiam maior esforço físico, como a caça de animais, e a mulher ficava encarregada de criar os filhos, coletar raízes, frutos e cuidar da habitação.

FIGURA 03 - Bicho homem



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de campo).

FIGURA 04 – Coletores de Mel



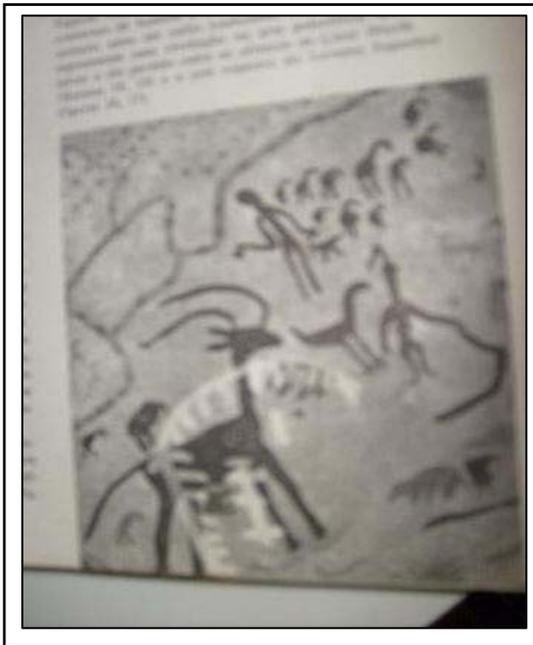
Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de campo).

Na Figura 3, encontramos um homem cercado de animais, por volta de 15.000 e 10.000 a.c, em Lascaux, França. Na Figura 4, podemos observar coletores de mel dependurados por uma corda até um ninho de abelhas silvestre, pintura rupestre encontrada na Cueva de la Anaraña, Valência, com um tempo cronológico entre. 6.000 – 2.000 a. c.

No Neolítico, o homem atingiu um importante grau de desenvolvimento e estabilidade. A criação de animais, a agricultura e, conseqüentemente, o sedentarismo, fizeram com que a sociedade tivesse progressos consideráveis.

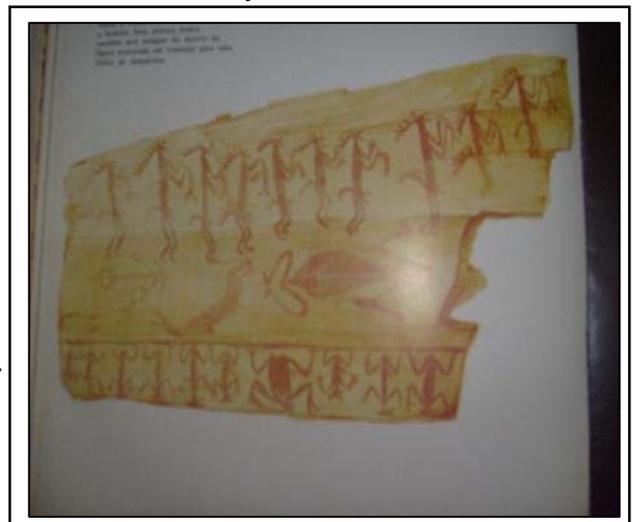
Com o surgimento da metalurgia, os homens criaram objetos de metais, como lanças, ferramentas e machados, dessa maneira puderam caçar melhor e em maior quantidade. Foi com a produção de excedentes agrícolas e sua armazenagem, que na época de seca e inundações, os seres humanos garantiram sua sobrevivência. As comunidades começaram a ficar cada vez maiores, com o crescimento da população, e sua organização mais complexa, surgindo novos complexos sociais, para dar respostas às demandas criadas pelo desenvolvimento das sociabilidades.²

FIGURA 05 - Pecuária



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de campo).

FIGURA 06 - Dança



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de campo).

² A produção do texto referente aos períodos históricos se baseia na literatura de alguns historiadores, dentre eles destaca-se Cláudio Vicentino e Mario Smichi.

Destacam-se nas figuras as primeiras representações animadas. Na imagem 5, pode-se perceber a domesticação dos animais, entre 6.000 e 2.000 a.c, encontrada no monte pelegrino, na SÍlicia. Na imagem 6, observamos dançarinos contemplando um ancestral canguru, o qual carrega um saco, da mesma forma que os dançarinos humanos carregavam seus pertences pessoais, imagem datada de 1.900 a.c.

Pode-se observar que nas duas primeiras imagens as pinturas rupestres não representam figuras humanas, apenas animais, nas duas seguintes encontramos os homens lutando pela sobrevivência, sendo mais um entre os animais, disputando o mel com as abelhas, nas duas ultimas já observamos comportamentos sociais mais elaborados como a pecuária e os rituais. A complexificação das relações sociais implica o desenvolvimento de formas culturais também mais complexas e multifacetadas.

As obras de arte anteriores são também complexas, embora não aparentem maior acabamento como nos períodos anteriores. Isto não significa que a arte de um período mais desenvolvido seja menor, qualitativamente, que a do período posterior. Significa apenas que houve um processo de evolução social, que se expressam na forma dos homens observarem o mundo à sua volta e representarem os seus sentimentos por meios da arte rupestre.

Tais desenhos não só permitiram estudiosos descobrir o trajeto ou a existência de povos primitivos em determinados lugares, mas desvendar seus hábitos culturais, suas danças, as armas que usavam para pescar e caçar, a divisão social do grupo, entre outras cenas do cotidiano pré-histórico.

Não há arte sem ideologia: afirmar ao contrario seria o mesmo que dizer que há arte sem a participação do autor. Participação do autor significa exprimir, com linguagem artística, sua relação com o mundo, seus conflitos e sentimentos. (MARCONDES, 2003)

O saber e o conhecimento se acumularam através de tradição cultural, de forma que a distância material que divide as sociedades do século XXI das sociedades constituídas na Pré-História se expressam também na distância intelectual. Os homens evoluíram de relações sociais a formas ainda mais complexas e desenvolvidas. Através da linguagem visual, percebemos perfeitamente

como o ser humano manifestou aptidões para representar suas emoções e sentimentos, em suas relações sociais, que explicam as suas criações. Uma comprovação dessa afirmativa são as representações sócias do imaginário popular, que passaremos a analisar.

1.2. A importância social da imagem e suas representações no imaginário popular

A importância social da imagem não é restrita ao período anterior à escrita, não foi com o início da história que deixamos de encontrar a linguagem visual como uma das protagonistas do processo formativo do ser humano. A imagem visual continuou existindo na vida social a representar sentimentos, paixões e estados subjetivos dos homens. O problema é que não damos a devida importância a sua função como formadora da consciência crítica.

Segundo Silva (2008), o surgimento da imagem e o seu uso social como mediação da sociabilidade não é um fato recente. E de fato, as imagens acima demonstram isto. Elas correspondem a formas de sociabilidade e a níveis de complexidade das relações sociais. Ainda segundo a autora, muito antes de escrever, os homens já pintavam, desenhavam, simbolizavam o mundo e sua compreensão a respeito dele. Sem a presença da escrita, os homens aprenderam a representar, a visualizar, a expressar e perpetuar sua visão de mundo através das imagens.

Com o passar dos anos as imagens se multiplicam, espalhadas por todos os ambientes que circulamos. Elas estão, a todo momento, participando de nossas vidas, quando entramos na internet ou quando ligamos a TV, ou simplesmente quando abrimos os olhos e visualizamos determinadas paisagens sociais ou naturais.

Em contrapartida, a essa multiplicação de imagens que vemos na sociedade é acompanhada por um descaso por parte dos que as olham, como se aquilo que estão vendo encerrasse exatamente ali, sem se desenvolver a criticidade necessária.

Vivemos cercados, impregnados de imagens e, no entanto, ainda não sabemos quase nada da imagem. O que é? O que significa? Como age? O que comunica? Quais são seus efeitos prováveis – seus efeitos inimagináveis. (BARTHES, 1970, p. 70).

Quando vemos, por exemplo, uma imagem religiosa, tendemos a manifestar um determinado respeito e, muitas vezes, voltamo-nos para elas, associando-as às necessidades, agradecimentos e confortos sociais, mostrando neste momento que estamos indo além do que vemos. Articulamos a imagem com uma série de circunstâncias que operam na nossa vida, como as auguras da vida cotidiana, marcada pela alienação e por profundas desigualdades sociais, que parecem se impor como um verdadeiro destino, criando de fora e imposto aos homens por uma providência divina.

As imagens dos catolicismos são bons exemplos para mostrar o quanto as imagens influenciam os seres humanos. Os ocidentais, em sua maioria, foram preparados para associar essas imagens a grandes representações da fé.

FIGURA 07– Cruz de madeira



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de Campo)

Um crucifixo em qualquer tamanho, cor, ou formato mexe com aqueles que acreditam na existência de Jesus Cristo, assim como no Oriente, podemos encontrar a imagem de Buda e outros símbolos relacionados ao budismo como importantes formadores de consciência social. Para outros porém, que não se identificam com a religião e procuram entender o mundo a partir da ciência, o crucifixo representa,

sobretudo, a manifestação da credence diante de um mundo complexo, cujas relações parecem pouco compreendidas.

Essas imagens fazem parte de um tipo de cultura social, que foi preservada ao longo dos séculos. Porém, atualmente não vemos associações deste tipo em sala de aula, não se fala em associações entre imagens, desenvolvimento histórico e social ou como produto de formas de pensamento (ideologias), como se as duas não caminhassem juntas ou não se influenciassem reciprocamente.

Quando nos remetemos ao início da colonização brasileira, as imagens que lembramos são as dos portugueses em suas naus e a dos índios com seus olhares surpresos, mas essas imagens que nos levam ao passado não foram transmitidas em sua importância, mas apenas em complementos textuais. Muito menos, elas são encaradas como expressão da forma de pensar de um determinado período ou a representação que a classe dominante fez desse período histórico. É o caso, por exemplo, do quadro que notabilizou a independência do Brasil.

As imagens nos remetem a fatos históricos, nos levam ao passado e ao futuro, mas não são estudadas em sua essência e complexidade, elas estão tão presente entre nós, que, em contrapartida, damos tão pouco conta da presença delas, como se fossem inerentes aos seres humanos.

Somos cercados por diversos tipos de imagens: fotografias, desenhos, pinturas, outdoor, escultura, charges, estampas, computador, televisão, filmes e outros. Na maioria das vezes, não nos damos conta das mensagens que elas nos transmitem: valores sociais, políticos, econômicos e culturais, o que requer uma leitura crítica. Elas expressão visões diversas sobre a realidade, exigindo do indivíduo um olhar crítico e reflexivo. Na perspectiva da cultura visual, ler passa a ser entendido como um ato de interpretar uma mensagem. Veiculada através de codificações imagéticas. (SILVA, 2008, p. 57).

O fato é que a linguagem visual não é característica biológica do homem, mas cultural e, por isso, se não for dada a devida atenção, as obras de arte, as pinturas, as esculturas e os desenhos clássicos farão apenas parte do século passado ou serão preferência de uma minoria social que mantenha esses valores.

É nesse ponto ideológico das imagens que queríamos chegar. Como podemos perceber a importância que as imagens tiveram e têm para que entendamos as relações sociais, políticas e econômicas de um povo?

Ao invés de estudarmos e interpretarmos as imagens em sala de aula, já a apresentamos como complementos da linguagem escrita, não extraímos seu potencial, mas tiramos delas todo o potencial que poderiam dar na assimilação do conhecimento, para compreender a história e possibilitar a formação cultural. O problema se agrava, quando temos em conta a cultura popular, tendo em vista os preconceitos, a associação a formas atrasadas de representar o mundo e os sentimentos. Trata-se de um preconceito germinado pela elite e transmitido culturalmente.

A Cultura Popular pode ser definida como qualquer manifestação cultural, representada através de danças, músicas, festas, literatura, folclore, arte, entre outras, em que o povo produz e participa de forma ativa. Ao contrário da cultura de elite, a cultura popular surge das tradições e costumes e, por isso, é geralmente transmitida oralmente de geração em geração.

Como exemplos de manifestações da cultura popular temos: carnaval, danças e festas folclóricas, literatura de cordel, provérbios, samba, frevo, capoeira, artesanato, cantigas de roda, contos e fábulas, lendas urbanas, entre tanto formas de expressão.

O folclore é um conjunto de mitos e lendas passados de geração para geração. Muitas destas estórias foram criadas para passar mensagens importantes ao povo brasileiro. A maioria com sentido educativo:

Segundo a carta de folclore brasileiro, elaborada em 1951, Constitui o fato folclórico a maneira de pensar, sentir e agir de um povo, preservada pela tradição popular e pela imitação, e que não seja diretamente influenciada pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam, ou à renovação e conservação do patrimônio científico humano, ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica

O folclore surgiu no Brasil com a influência indígena, africana e portuguesa. Desenvolvido nos meios populares, não se caracterizou como literatura, ou foi simplesmente encarada como uma expressão cultura menor. Talvez por isso seu maior enfoque seja nas imagens e na linguagem oral e não na linguagem escrita.

Os folcloristas do século XIX e alguns deste século, entretanto, desvendaram um novo modo possível de se encarar as relações entre o folclore e a literatura - ou, mais precisamente, de situar um e outro, partindo do próprio conceito de folclore. O folclore seria a cultura dos meios populares, das camadas baixas da população – nas zonas rurais e urbanas – em poucas palavras: a ‘cultura dos incultos’. Era, pois, o conjunto de conhecimentos, técnicas e modos de ser dos iletrados, transmitido oralmente. Distinguia-se da literatura, cultura dos meios elevados, dos letrados e dos ‘cultos’.(FERNANDES, 2008 sp)

O que daremos destaque é à relação que existe entre o folclore, a cultura popular e a representação de imagens. Quando lembramos alguns destes mitos ou lendas, sempre os comparamos a formações visuais trazidas pelos livros didáticos ou pelas representações teatrais e televisionadas.

Quando falamos em Saci-Pererê, automaticamente lembramos de um menino negro que tem apenas uma perna, sempre com seu cachimbo e com um gorro vermelho que lhe dá poderes mágicos.

Quantos professores em sala de aula compararam um de seus educandos com o Saci? Basta o educando ser travesso, brincalhão, e viver aprontando na sala de aula, gargalhando sem medir conseqüências.

FIGURA 08 - Saci-pererê



Fonte: wikipedia, 2008.

Porém, vale destacar que tal educador, muitas vezes, cita apenas superficialmente a figura folclórica do Saci, ou de outros personagens, sem fazer referências importantes à imagem, a qual compara o educando, impedindo a possibilidade de crescimento pessoal e cultural que a imagem da arte pode promover.

Considerando que as leituras estéticas vêm ocupando um lugar tão importante quanto o da produção artística, é preciso que as questões que lhes são pertinentes possam ser respondidas pelo professor no planejamento de suas atividades (ROOSI, 2003, p. 132).

Quem nunca ouviu falar no lobisomem? Este mito aparece em várias regiões do mundo. Talvez muitos não saibam nada a respeito da história desta lenda, mas com certeza têm idéia do estereotipo que a caracteriza.

O que importa não é saber que o mito do lobisomem consiste na história de um homem que foi atacado por um lobo numa noite de lua cheia e não morreu.

O que se perpetuou entre as pessoas foi a imagem de um homem peludo, com aspectos de um lobo, que ataca em noites de lua cheia. Apenas aqueles que se interessam por cultura popular e folclore descobrem que apenas um tiro de bala de prata em seu coração seria capaz de matá-lo.

FIGURA 09 - Lobisomem



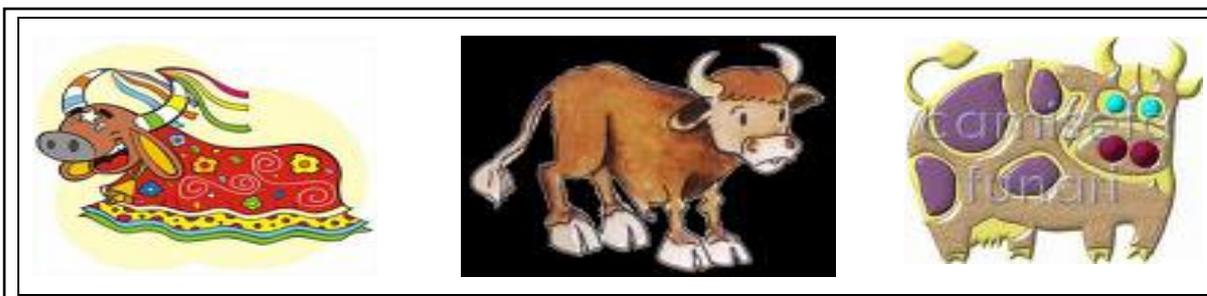
Fonte: , wikipedia 2008.

A Leitura estética do folclore deveria ser mais trabalhada dentro das salas de aulas regulares. Seria uma maneira de aproximar a linguagem estética do cotidiano do aluno, que já a traduz tão bem.

É puro romantismo pensar que a experiência da arte na criança é equivalente a dos adultos, ou que suas obras estão igualmente carregadas de sentido. Há toda uma série de perspectiva a cerca da pintura que as crianças não dominam e que são de grande importância. Por esse motivo, muitas qualidades estéticas relevantes são-lhes inacessíveis, e a sua experiência da arte não possui a riqueza da dos adultos. O desenvolvimento estético consiste precisamente na aquisição destas perspectivas. Só atingimos os últimos estádios através de uma educação em que sejamos frequentemente confrontados com obras de arte e pensamentos seriamente acerca delas. (PARSONS, 1992, p. 44)

Talvez muitos dos leitores não saibam o significado da representação folclórica do Bumba meu Boi, mas sabem identificar entre as imagens relacionadas abaixo aquela que melhor o representa.

FIGURA 10 – Bumba meu Boi



Fonte: flickr, 2008.

Que importa sabermos a imagem correta se não conseguirmos explicar nada ao seu respeito? Não seria interessante olharmos, identificarmos e compreendermos sua história?

O professor atento as idéias dos educando saberá quando e como enriquecer as suas leituras e contribuir para que a leitura estética possa cumprir a função de enriquecimento da vida e não apenas de fornecedora de informações. A leitura estética deve ser um elemento fundamental,

essencial no processo educacional, e que tenha significado para a vida dos alunos, e não ser apenas mais um exercício escolar. (ROOSI, 2001, sp.)

Através da imagem do bumba-meu-boi pode ser trabalhado o Ciclo do Gado, no século XVIII, enfocando com maior facilidade a história do nosso país e as relações sociais, políticas e econômicas dominantes nesta época. Pode-se apresentar como as relações desiguais, que existiam entre os escravos e os senhores nas Casas Grandes e Senzalas, resultaram na existência deste folclore.

Refletindo as condições sociais vividas pelos negros, índios e brancos, o bumba-meu-boi é contado e recontado através dos tempos, na tradição oral nordestina, e depois espalhada pelo Brasil.

Tal lenda carrega em si a história de um homem e um boi, mostrando o contraste entre ambos, de um lado a fragilidade do homem e a força bruta do boi e, por outro lado, a inteligência do homem e a estupidez do animal.

A imagem faz parte da manifestação popular. Muito mais do que palavras, elas representam visualmente o pensamento e o agir de um povo e, portanto, deve ser analisada e respeitada dentro de toda sua potencialidade informativa. A importância social da leitura de mundo, como momento que antecede a leitura da palavra, será analisada no próximo capítulo, subsidiada na literatura de Paulo Freire.

1.3. A leitura de mundo precede a leitura da imagem

Paulo Freire sempre pensou os Círculos de Cultura como um espaço para problematizar o que vivenciamos, assim como os nossos ancestrais sabiamente faziam através de desenhos, problematizando o que viviam. Precisamos de tempo e espaço oportuno para analisar o que vivemos, caso contrário, passamos pelo mundo apenas existindo. Os Círculos de Cultura se constitui numa proposta metodológica pensada por Freire, em que se estabelece uma relação dialógica com os participantes, em torno de um tema gerador.

Portanto, nos Círculos de cultura, ocorre o levantamento do universo vocabular dos grupos, para a escolha das palavras geradoras. A organização dos Círculos de Cultura pode ser expressa por pequenos grupos, sob a coordenação de uma pessoa, que não precisa necessariamente ser um professor, mas um animador cultural, sujeito da própria comunidade.

A representação de uma das palavras, já que estas pertencem ao universo vocabular dos educandos, aliada a sua experiência de vida, problematizada a partir da realidade em que os sujeitos estão inseridos e de seus conhecimentos prévios, gerará temas correlatos (subtemas).

Reúne, neste processo, também todo o material possível para ampliar a consciência e experiência dos educandos, assim passa-se à visualização da palavra e ao processo de decodificação em unidades menores, para reconstituí-la posteriormente.

Os jovens e adultos cultivaram tantas obras de arte em suas vidas, que as mesmas não podem ficar esquecidas, substituídas pela linguagem escrita, a linguagem visual deve ser, neste sentido, interpretada como aparato indispensável nessa modalidade de ensino.

Segundo Freire (1986), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O ato de ler começa com a experiência profissional, primeiro se faz leitura da realidade dos sujeitos participantes do Circulo de Cultura, e, posteriormente, a leitura da palavra ao longo da escolarização, que nem sempre significa a leitura da palavra mundo.

Não podemos deixar que os jovens e adultos concluam as fases escolares sem perceberem a importância social no processo formativo que as mesmas (fases escolares) possuem. Devemos mostrar a importância da consciência crítica delas para que possam servir de aparato de comunicação social:

O Jovem e o adulto, antes mesmo de fazerem a leitura da palavra e a decodificação do signo verbal, vêm o seu mundo, por meio de fotografias, desenhos e outras imagens. Tal fato suscita a hipótese de que as imagens apresentam-se como um potente recurso da EJA, pois circulam no meio cultural com mais impacto sobre sua subjetividade do que a escrita. Por essa razão, a educação de jovens e adultos precisa desenvolver a competência da leitura crítica e reflexiva visual do aluno. (SILVA, 2008, p 57)

Na educação de jovens e adultos, os alunos passam o dia observando as imagens do seu cotidiano. Eles lêem o seu espaço sem nenhuma palavra escrita, mas interpretam cada situação que ocorre em seu trabalho, em suas casas, em suas ruas.

Como podemos descartar a importância social das imagens na rotina desses alunos, que desenvolvem, em sua maioria, trabalhos que utilizam mais da percepção visual do que de uma leitura escrita? Nas classes de EJA é fundamental trabalhar com a cultura imagética.

Segundo Silva (2008), os conhecimentos a serem adquiridos pelos educandos necessitam do uso da imagem como conteúdo pedagógico que interpela os estudantes da EJA. Dessa maneira, estabelece-se uma relação entre o conteúdo de ensino e as necessidades do seu contexto cultural.

Os círculos de Cultura propõem uma relação entre educador e educando, como as dos educandos e educadores, estabelecendo sempre uma forma autêntica de pensar e atuar. Nesse tipo de prática não existem saberes superiores, mas o respeito às diferenças de saberes sem nenhum tipo de hierarquia.

Diferentemente da Educação Bancária, a qual tem como fundamento a repetição insistente, caracterizada pela maneira do educador “encher” os educandos de falso saber, na prática problematizadora os educandos, em parceria com o educador, compreendem a realidade com não sendo estática, mas dinâmica, em que todos têm conhecimento para transformar a realidade.

Segundo Freire (1975), a concepção bancária, no momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar, tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-la mais e mais humano.

A educação problematizadora deve ser um esforço permanente, através do qual os homens percebem, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham e entendam que eles não só fazem parte do mundo, mas podem modificá-lo.

Muito mais do que aprender matérias isoladas, é necessário que haja uma interação entre as várias áreas do conhecimento. Os temas trabalhados devem ter conexão entre si para que façam sentido, mas, além disso, deve-se incorporar a vivência dos alunos nessa abordagem disciplinar.

Quando se trabalha a Geografia, por exemplo, mais importante que falar sobre rios dos outros estados, ou de outros países fora do Brasil, deve-se remeter o aluno a desenhar o seu próprio rio apontando todas as características que encontra

no seu desenho, para depois fazer relação com outros e encontrar semelhanças e diferenças.

No caso da Matemática, deve-se primeiramente visualizar o assunto abordado. Por serem classes de pessoas, que já passaram por determinadas vivencias não se pode ensinar a Matemática da maneira tradicional como estamos acostumados. Eles fazem uso da disciplina muito antes de verem na em sala de aula.

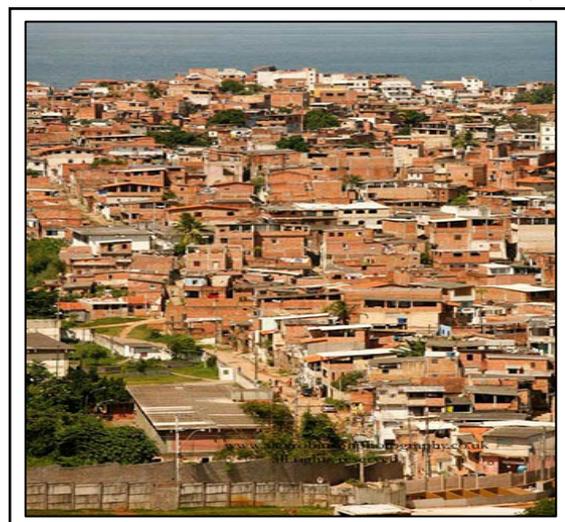
A maneira abstrata e numérica da matemática deve ser substituída por imagens do cotidiano dos educandos, os quais devem visualizar a matemática em seu dia-dia. O educador deve desmistificar a Matemática, tornando-a próxima do que os alunos estão acostumados a ver. Um campo de futebol, um metro de tecido, entre outras visualizações reais devem ser utilizadas em sala de aula.

FIGURA 11 – Vista aérea de Vila Velha, ES



Fonte: MAZZAFERA, 2007. (Arquivo pessoal)

FIGURA 12 – Bairro da Liberdade Salvador, Ba



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de Campo)

A linguagem visual faz parte da vida dos alunos de EJA e por isso deve-se dar a maior atenção a essa forma de ler e interpretar o mundo. A História não deve ser uma disciplina que transmita oralmente os fatos, mas sim aquela que antes de estudar a China ou os EUA, visualize os bairros e as cidades dos educandos.

Visualizando a nossa cidade, nosso bairro e nossa rua, percebemos o que temos de igual e de diferente das outras localidades. O exercício de observação é fundamental, para a construção da História. Não podemos entendê-la, nem fazê-la, se não a enxergarmos.

FIGURA 13 – Chico Bento



Fonte: wikipedia, 2008.

Podemos estudar Português através das imagens, podemos criar um texto com palavras escritas apenas como o que vemos, podemos desenvolver a escrita sem desprezarmos o que vemos. Quantas histórias foram criadas pela força da imaginação?

Nos círculos de Cultura, todas as vivências são traduzidas através do que vemos no mundo das imagens, porém o ser humano tem uma relação tão íntima com as imagens que acaba por naturalizá-las em seu cotidiano. Inconscientemente acabamos por naturalizar a cultura da imagem que produzimos há milhares de anos e as escolas em nada colaboram para evitar essa prática social

Ao longo dos séculos e locais, a instituição escolar sofreu muitas modificações no que diz respeito aos conteúdos trabalhados, os métodos aplicados,

a relação educador-educando, as aprendizagens esperadas e as manifestações desejadas. Tais modificações não ocorrem aleatoriamente, pelo contrário, estão com suas mudanças práticas atreladas as Tendências Pedagógicas.

2. A LEITURA DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS ATRAVÉS DAS IMAGENS

2.1. Tendência Tradicional

Nosso foco de trabalho baseia-se na Educação de Jovens e Adultos, através de uma leitura estética, analisaremos duas grandes tendências pedagógicas para essa modalidade de ensino: a Pedagogia Liberal Tradicional ou Humanista Tradicional e a Tendência Progressista Libertadora.

Refletindo as necessidades e os anseios da sociedade, as escolas aderiram a diferentes tendências pedagógicas, surgidas não linearmente, mas muitas vezes em paralelo, sendo assim, determinada tendência não surgiu e terminou sua trajetória com a chegada de uma nova. Concomitantemente, podemos encontrar várias maneiras de pensar a educação.

Na maioria das vezes, fazemos a leitura estética daquilo que nos rodeia sem nos darmos conta da reflexão que estamos tendo. Observamos, através de leituras imagéticas, a maneira como informações estéticas nos orientam a respeito do pensamento ideológico.

FIGURA 14 - Sala de aula I



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de Campo)

Se apenas olharmos a imagem, sem nenhuma orientação crítica, veremos cadeiras, um quadro negro, a mesa do professor, paredes, janelas e um tablado. Quando analisamos esteticamente o espaço passamos a ter uma nova visão.

As cadeiras organizadas em fileiras, mesmo representando um aproveitamento total do espaço, obriga um enfileiramento de alunos, dispostos de maneira que vejam apenas a nuca uns dos outros, estando em evidência apenas um rosto: o do educador. Conseqüentemente, não é oportunizado aos educadores uma visão ampla da sala, quebrando o coletivismo e o sentimento de grupo

Com as carteiras dispostas dessa maneira, o educando é incentivado a individualizar seus conhecimentos e centrar toda sua atenção no educador, o qual possui todas as mesas voltadas para si, sugerindo que a aprendizagem ocorrerá somente com ele.

O educador em cima de um tablado, que o deixa com uma visão ampla da sala a qual comanda, possui a única mesa e cadeira diferentes no meio de tantas iguais. Tais aparatos impõem respeito e mostram superioridade, uma vez que no centro da sala, observa-se todos que se encontram abaixo das suas vistas.

As paredes não são dos alunos: não existe nenhum tipo de cartaz dependurado ou algo que caracterize a sala de aula como identidade da turma. Ela apenas é um espaço que reflete uma determinada tendência pedagógica.

É importante perceber que a ideologia não está somente na linguagem escrita ou na oralidade, mas também naquilo que vemos e vivenciamos. Relacionando a linguagem visual com a escrita, na qual desenvolve uma caracterização da Pedagogia Tradicional, recorreremos às elaborações de Libâneo (1994):

sabemos que esta tendência liberal tradicional continua prevalecendo na prática educativa atual. É caracterizada por ser centrada na figura do professor, que geralmente, utiliza-se da oralidade para transmitir seus conhecimentos aos alunos, que devem prestar a máxima atenção às palavras deste para aprender. Nesta tendência acredita-se que o aluno aprende por ouvir o professor, visualizar objetos, mapas, gravuras e por realizar exercícios repetitivos: lembram-se quando o professor pedia para fazermos cinco vezes cada cópia? Ou cem vezes a tabuada? Pois é, assim pensavam que aprenderíamos mais rapidamente. Com isto objetiva-se formar um al no ideal, desvinculado de sua realidade concreta (LIBÂNEO, 1994, p.37)

O trecho destacado de Libâneo traduz exatamente o que nós vimos na Figura 13. A verdade é que as nossas palavras são sustentadas pelas imagens que nos cercam, o ambiente é configurado exatamente para atingir o objetivo desejado.

Como poderia a Tendência Liberal Tradicional ser externada se não com as características da sala que analisamos? Devemos mais uma vez frisar que não existe imagem sem objetivo, e é isso que precisamos despertar na Educação, devemos olhar criticamente e nos sentirmos parte da imagem. É evidente que a tendência tradicional não se reduz à forma como o espaço e as cadeiras estão organizadas, tendo em vista que há todo um arcabouço teórico-metodológico que fundamenta esta concepção. Entretanto, a imagem destaca nos ajuda a compreender melhor a estética que se encontra na base da tendência.

Voltando para sala de aula é como se aquela foto fosse um grande quadro já pronto, onde nós podemos ser meras peças encaixadas ou importantes personagens questionadores do seu papel. Salas de aula que reproduzem essa ideologia, normalmente apresentam, assim como a figura, paredes que tentam ser neutras, com pouco ou nenhum cartaz ou qualquer tipo de produção criativa do educando, já que os mesmos são tidos como meros reprodutores.

Dessa forma, criar e elaborar algo novo não são permitidos, já que devem, apenas, abrir seus cadernos e copiar aquilo que o detentor do conhecimento produz: o educador. Todas as atenções estão voltadas para aquele que fala ou anota no quadro negro, reforçando uma relação de subordinação entre educando e educador, como se este último fosse o detentor da verdade absoluta e inquestionável.

Em uma sala de aula tradicional, possivelmente não existirá círculos ou semicírculos, afinal de contas o debate não faz parte da formação do aluno, ele não crescerá em discussões, ou com opiniões divergentes, ele tem que ser preparado para o que se deseja formar.

Segundo Schramm (2001), a tendência tradicional é marcada pela concepção do homem em sua essência, sendo que sua finalidade de vida é dar expressão à sua própria natureza, sendo assim, a pedagogia tradicional preocupa-se com a universalização do conhecimento, que, para seus representantes, encontra-se a priori, previamente dado. O treino intensivo, a repetição e a memorização são as formas pelas quais o professor, elemento principal desse processo, transmite o acervo de informações aos seus alunos. Estes são agentes passivos, aos quais não

é permitida nenhuma forma de manifestação. Os conteúdos são verdades absolutas, como se disse, dissociadas da vivência dos alunos e de sua realidade social.

Como podemos proporcionar a Educação de Jovens e adultos adotando esses critérios? Onde efetivamente ela ocorrerá? É preciso que tenhamos troca de conhecimentos e experiências, e a maneira com que a sala se encontra arrumada auxiliará na construção que pretendemos alcançar. É mister abrir os olhos para a força das imagens e entendê-las. Devemos fazer do ambiente um aliado importante na produção e assimilação do conhecimento.

É fundamental destacarmos não só a imprescindibilidade das imagens para com os objetivos ideológicos, torna-se, mais do que necessário em um mundo que poucos são os que despertaram para o poder das imagens usadas como instrumento da ideologia dominante e muitos os que não as vêem por uma falta de cultura visual a imagem criada para uma determinada concepção de ensino perdurar sem questionamentos.

Como se alcançar de fato a aprendizagem se o ambiente não corresponde ao pretendido? O jovem e o adulto precisam de debates, não de um educador na sua frente, afinal de contas eles já são educadores da vida, não precisam de cadeiras enfileiradas, mais de aproximação com o colega, de olhar para sala e conhecer não só aqueles que estão sentados ao seu lado ou na sua frente, mas todos que estão em sua volta.

O conhecimento se dá por completo e não por partes, por isso a visão ampla da sala é tão fundamental para o crescimento pessoal e de grupo. O que queremos chamar atenção agora é que pela falta do olhar estético, algumas imagens mantêm-se em tendências pedagógicas diferentes, impedindo muitas vezes que nenhuma das duas funcione por completo.

Precisamos entender que se a imagem não estiver aliada à proposta pedagógica que se quer atingir, o ensino não se dará por completo. Não podemos deixar que a tendência liberal tradicional se perpetue em sua imagem pelo fato do descaso que temos para com elas. Devemos esteticamente estar condizentes com nossa proposta ideológica

2.2. Tendência Libertadora

Agora analisemos essa outra imagem:

FIGURA 15 – Sala de aula II



Fonte: MAZZAFERA, 2008. (Pesquisa de Campo)

Se olharmos criticamente, agora com um olhar nas tendências pedagógicas, podemos perceber que se trata de uma sala de aula, em que todas as carteiras estão esteticamente organizadas em forma circular, aparentando uma relação dialógica, mostrando que existe uma relação horizontal entre educadores e educandos.

Educadores e educandos são sujeitos do ato do conhecimento e, portanto, não existe uma relação arbitrária e autoritária entre eles. É nessa imagem aparentemente tão homogênea em que todos se configuram dentro de um mesmo espaço que vamos encontrar liberdade de expressão.

Sentados nessas posições, educadores e educandos verdadeiramente dialogam, cada um complementa a posição do outro, não existem os detentores do saber, mas aqueles buscam e comunicam conhecimento.

Agora, pensemos porque essa imagem é tão diferente do que estamos acostumados a ver, na maioria das escolas tradicionais? Ora, é simples, basta

lembrarmos que tal imagem representa o pensamento de Paulo Freire, dentro da Tendência Progressista Libertadora, a qual só ocorre fora das salas de aula, caracterizando-se como uma educação não formal. Mas voltemos ao exercício de olharmos mais uma vez à figura 15. Os educandos de classes de Educação de Jovens e Adultos precisam de uma Educação problematizadora, que se dê a partir do processo de reflexão e crítica, sendo necessário que os alunos sintam-se parte do processo de conhecimento.

Sentados em círculos ou semicírculos, esse sentimento de participante ativo do processo se dá com maior facilidade, já que todos estão dentro de um mesmo debate, literalmente ao redor de uma mesma situação. Ninguém está de costas para ninguém, nem o professor aparece como intimidador no centro da sala avaliando o que se é dito.

Nessa posição os educandos sentem-se parte de um todo, não existindo avaliação individual, mas debates coletivos. O que importa não é acertar o tema colocado, mas problematizar o assunto, em que todos devem ter a chance de fazer colocações e questionamento.

Os mais extrovertidos não se sentam nas primeiras carteiras da sala, mas dividem o espaço igualmente com todos os colegas. Os tímidos não têm como ficar escondidos na parte inferior da sala, dessa forma os alunos não estão divididos por preferências. As diferenças dão espaço à igualdade, os taxados como “nerds” e os que gostam de fazer bagunça estarão literalmente na mesma roda e por isso farão parte de um mesmo grupo, o de educandos.

É dessa forma que o educando será educador e o educador será educando, ambos são construtores de um processo de ensino-aprendizagem, sem nenhuma hierarquia estética presente, o professor torna-se um facilitador da aprendizagem e o aluno não mais um ser sem luz como representa a etimologia de sua palavra, mas um ser dotado de conhecimento e valores.

É através do diálogo, da valorização do próximo e do respeito mútuo que encontraremos possibilidades de pensar a superação da desigualdade. Para isso os oprimidos precisam se perceber capazes de identificar seus anseios e de desejar a mudança social ou pessoal. Os educadores precisam valorizar o conteúdo do próximo para que tais conteúdos transformem-se em arma da paz na luta pelos seus direitos.

Freire (1975) aponta matrizes necessárias para conquistar ou chegar à práxis através do diálogo, como podemos acompanhar, abaixo:

- a. O amor ao mundo e aos homens como um ato de criação e recriação;
- b. A humildade, como qualidade compatível com o diálogo;
- c. A fé, como algo que se deve instaurar antes mesmo que o diálogo aconteça, pois o homem precisa ter fé no próprio homem. Não se trata aqui de um sentimento que fica no plano divinal, mas de um fundamento que creia no poder de criar e recriar, fazer e refazer, através da ação e reflexão;
- d. A esperança, que se caracteriza pela espera de algo que se luta;
- e. A confiança, como consequência óbvia do que se acredita enquanto se luta;
- f. A criticidade, que percebe a realidade como conflituosa, e inserida num contexto histórico que é dinâmico.

É sobre esta base que Freire (1975) enfatiza o ato pedagógico, como uma ação que não consiste em comunicar o mundo, mas criar dialogicamente um conhecimento do mundo, isto é, o diálogo leva o homem a se comunicar com a realidade e a aprofundar a sua tomada de consciência sobre a mesma até perceber qual será sua práxis na realidade opressora para desnudá-la e transformá-la.

O fato é como podemos criar dialogicamente um conhecimento do mundo se as salas de aula estão despreparadas para tal, como podemos levar o homem a se comunicar com a realidade, quando não apresentamos condições estéticas favoráveis para essa discussão?

Precisamos entender que a ideologia e a estética interagem em determinadas condições sociais, a última é uma representação da primeira e para tanto as matrizes indicadas por Paulo Freire só ocorrerão quando as escolas tiverem iluminação artificial para o debate e não ser um lugar em que os alunos não enxergam o que estão escrevendo.

Como podemos pensar amor ao mundo e aos homens como um ato de criação e recriação, em escolas cobertas por palhas de coqueiro, que não refletem o sol e respingam chuva, com poucas cadeiras, mas com um úmido chão de barro? Existem condições estéticas básicas para se criar o estímulo, a motivação e o sentimento de mudança, onde elas estão?

A humildade, como qualidade compatível com o diálogo só ocorrerá de fato se lutarmos para que as paredes das salas de aula não estejam sujas, as mesas e acentos pintados, as janelas quebradas. Do contrário a humildade será vista como negativa e no seu pior sentido pejorativo, antes das aulas as paredes devem ser limpas, o chão digno e o quadro negro útil.

A fé, a esperança, a confiança e a criticidade não poderão existir em papéis amarelados, em janelas quebradas, em mesas e cadeiras danificadas, o visual influencia os nossos pensamentos e atitudes e, por isso, devemos dar maior importância a eles e não simplesmente ignorá-los, caso contrário o vazio encherá nossos olhos. Por isso, devemos fazer da iconografia e da leitura de mundo atividades constante, dentro e fora da sala de aula.

3. OBSERVAÇÃO PRÁTICA: A LINGUAGEM IMAGÉTICA COMO RECURSO METODOLÓGICO EM AULAS DE CATECUMENATO

A iconografia é um importante recurso para a construção do conhecimento histórico, no entanto lidar com esse tipo de recurso requer exercícios contínuos do olhar, observando, identificando e compreendendo o significado das imagens

Fotografias, pinturas, gravuras, desenhos ou caricaturas são independentes das suas técnicas, formatos e suportes, são documentos históricos tão importantes quanto a documentação manuscrita ou impressa.

Não podemos deixar de destacar o ponto comum que existe entre a documentação iconográfica e a escrita: as duas representam a realidade e caracterizam-se como versões dos acontecimentos históricos. Ciente desse recurso, uma escola, que chamaremos de X, adaptou a iconografia nas aulas de catecumenato para jovens e adultos.

O professor que aqui será identificado como professor M faz a mediação da sala de aula, que possui oito alunos de fases (as séries na Educação de Jovens e Adultos são chamadas de fases) variadas. A observação foi feita em cinco encontros, o primeiro, o segundo, o décimo quarto e o décimo quinto. Foram trabalhadas as imagens **contidas no anexo**.

Em todas as aulas foram usados os seguintes passos para discussão da imagem:

- A primeira foi chamada pelo professor M de Etapa de Observação, que consiste nos conteúdos que a imagem remete, lembranças de outras imagens semelhantes e uma troca de impressões entre os alunos. É a também chamada etapa do contato;
- A segunda corresponde à etapa de Identificação Temática da Imagem. Nesse momento os alunos relacionam com assuntos estudados e com suas próprias experiências;

- A terceira caracteriza-se pela etapa do Contexto, é nessa etapa que se reconstrói o contexto da imagem e de que maneira ela foi apropriada e utilizada no presente e no passado.

No primeiro dia foi analisada a imagem correspondente ao Número 01. Os alunos estavam com o desenho em mãos, e com todos concentrados, foi feito o primeiro questionamento. O professor deixou transparecer a importância de todos questionarem ao invés de somente refletirem com as perguntas feitas por ele.

O professor deu um tempo de dois minutos para que os educandos olhassem atentamente para a imagem, reparassem as cores, os detalhes das roupas, a quantidade de pessoas. Ainda com o professor falando, um aluno pensou em voz alta e perguntou: “é uma mulher!”. E então um outro completou: “Não, é Jesus!”.

Nesse clima de concentração, em que todos têm o direito de fazer colocações sem medo de errar, o silêncio foi pairando e por alguns minutos todos refletiam o que viam. Parecia que não existia nada a mais na sala que não fosse o desenho que eles possuíam em mãos.

Depois de alguns minutos os educandos foram levantando o olhar com o semblante de quem tem muito a dialogar, expondo suas dúvidas, indignações, descobertas, os olhares eram cheios de conhecimento, transbordavam de emoção.

O professor M. perguntou quem gostaria de falar o que estava sentido, o que conseguiu enxergar. Um aluno da fase 2 colocou-se, dizendo que havia visto onze homens e Jesus, além de 12 gotas vermelhas nas cabeças, disse também que viu 3 cores: vermelha, branca e preta.

Quando terminou de falar, uma colega da fase 7 pediu a palavra para dizer que concordava com algumas coisas que ele tinha dito, mas que na verdade a pessoa que estava na frente era Maria e que as gotas vermelhas, que ele via, eram lâmpadas de energia.

A conversa passou a ser generalizada, todos falavam ao mesmo tempo, uns afirmado ser Maria e outros Jesus Cristo, o professor então pediu para que eles explicassem as afirmações que estavam fazendo.

Uma aluna da fase 5, disse ter certeza ser Maria, por essa imagem lembrar uma outra que ela já tinha visto em um livro de religião, que contava a passagem de Maria e os 11 apóstolos, após a morte de Jesus.

Após tal afirmação, um aluno, também da fase 5, questionou a colega a respeito do décimo segundo apóstolo e a questionada respondeu que o décimo segundo era o Judas que havia traído Jesus, e, por isso, não estava na imagem, ele não era digno de dividir o espaço com Maria, mãe de Jesus, nem com os verdadeiros seguidores de Jesus.

A sala ficou em silêncio e o professor pediu para que os educandos comentassem a respeito das emoções que sentiram ao ver as fotos. Cada um falou um sentimento, que variaram entre grandes alegrias, saudosismo e tristeza. Muitos recordaram quadros que ficavam expostos nas casas de parentes, que já faleceram ou que eles não vêem há muitos anos.

O professor perguntou quantos deles lembraram dos assuntos trabalhados em sala de aula, em Geografia, História, entre outras. Os alunos responderam que não haviam lembrado de nada desse tipo, então o professor não forçou, queria que partisse deles.

O professor finalizou a aula fazendo a leitura do texto que segue abaixo , e o comentando, após a leitura³.

Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. Ouvindo aquele ruído, reuniu-se muita gente e maravilhava-se de que cada um os ouvia falar na sua própria língua. Profundamente impressionados, manifestavam a sua admiração: Não são, porventura, galileus todos estes que falam? Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna. (Atos dos Apóstolos 2, 1)

No segundo encontro, foi analisada a figura que se encontra representada pelo nº2. A dinâmica procedeu semelhantemente ao encontro passado, com a diferença que os alunos entraram na sala comentando o método utilizado pelo professor M.

³Os textos que seguem foram extraídos da Bíblia: Atos dos Apóstolos 2,1; Gênesis, 2; Ezequiel 47,10; São Lucas 1,26.

Os educandos faziam comentários de vários tipos, alguns falaram que era difícil, outros argumentaram que descontraía e ainda havia aqueles que falavam ser algo fácil e que não via muito problema em desenvolver um trabalho desse tipo, que era mais fácil que ler um texto longo.

O professor perguntou se valia apenas continuar fazendo os encontros com essa didática e todos balançaram as cabeças, mostrando concordar com a proposta de ensino.

O professor M. pediu para que os educandos escolhessem a figura a ser trabalhada no dia. Depois de muitos darem sugestões diferentes acabaram escolhendo a imagem com o número 2.

Os educandos então ficaram observando atentamente a imagem escolhida e sem que o professor falasse nada, eles, após algum tempo em silêncio, começaram a falar o que viam na imagem. Falaram lua, sol, árvore, cobra, peixe, mulher, homem.

Um aluno que cursa o 1º do ensino médio disse que tal imagem retratava a passagem bíblica do antigo testamento, o homem e a mulher, representavam Adão e Eva no paraíso. A afirmação descrita no parágrafo anterior trouxe vários comentários a respeito de Adão e Eva, os alunos começaram a trazer as histórias que conheciam a respeito do casal que representa os primeiros homens, na Bíblia.

Alguns alunos prenderam-se mais na existência da lua ao lado da mulher e o sol brilhando ao lado do homem, além de questionarem os elementos que encontravam na figura, do que as representações que os mesmos faziam na história. Depois de muitas histórias diferentes, o professor fez a leitura do seguinte texto e comentou as várias explicações do surgimento do homem, as bíblicas e as científicas.

No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. (Gênesis, 2)

Na décima quarta aula, os educandos não entraram fazendo nenhum tipo de comentário a respeito da aula, apenas sentaram-se, abriram os classificadores e colocaram o material em cima das carteiras.

Não fizeram comentário a respeito da metodologia e didática pois já mostravam-se confiantes e parceiros do novo método. Era como se já não fosse mais novidade interpretar imagens, mas sim uma maneira positiva de trocar conhecimento.

Faltavam poucas imagens A serem escolhidas e, por quase unanimidade, a imagem escolhida foi a que está representada pelo nº3. Depois da escolha, o professor pediu para que eles colocassem no papel, após o momento de observação, um título, que melhor representasse a figura.

Houve muita risada e conversa no momento em que os educandos falavam em voz alta os títulos que deram a imagem. O professor M. perguntou se os educandos poderiam expor o motivo que os levaram a escolha do título. A relação dos títulos e escolha seguem abaixo:

- **A união faz a força** (Eu lembrei da necessidade de se ter uma família unida, da necessidade da união para se conseguir as coisas, gosto muito desse ditado);
- **Pescaria** (Lembrei das puxadas de rede que via na minha cidade, fiquei com saudades);
- **Pesca no mar** (Não lembrei de nada, fui poucas vezes na praia, fiquei anos sem nunca ver uma, vim conhecer agora);
- **seis homens e uma rede** (Coloquei esse título porque lembrei do filme que assisti na casa que trabalho, quando tava contando a quantidade de pessoas na foto lembrei do filme três casamentos e um funeral);
- **Boa pesca** (Lembrei da época que minha mãe desejava a painho: 'Boa Pesca!' Achava tão bonito, sinto falta dessa época, foi de muita necessidade, mas de alegria também);
- **O milagre** (Reparei que na imagem tem Jesus e um outro homem, fiquei pensando que a imagem de trás era o milagre que Jesus concedeu ao homem sedento de fome);

- **Fartura e fome** (Pensei em fome, em fartura, nas duas juntas, sei lá, vi também Jesus e outro homem na figura, achei confuso);
- **Um educando da fase 1, não deu título, pois disse não saber o que colocar.**

No momento que os educandos faziam as colocações, eram interrompidos pelos colegas, por curiosidade a respeito do que falavam. A discussão foi tão boa que o professor não teve condições de desenvolver todo o plano de aula do dia.

Esta pesquisadora conseguiu, dentro das discussões dos educandos, questionar a respeito dos conteúdos trabalhados e a imagem analisada. Empolgados ocorreram colocações como: poluição e meio ambiente, além de planeta água ou os agentes químicos e a poluição do mar.

Feliz com a aula, o professor fez a leitura do seguinte texto:

Conduziu-me então à entrada do templo. Eis que águas jorravam de sob o limiar do edifício, em direção ao oriente (porque a fachada do templo olhava para o oriente). Essa água escorria por baixo do lado direito do templo, ao sul do altar. Fez-me sair pela porta do norte e contornar o templo do lado de fora até o pórtico exterior oriental; eu vi a água brotar do lado sul. O homem foi para o oriente com uma corda na mão: mediu mil côvados; a seguir fez-me passar na água, que me chegou até os tornozelos. Mediu ainda mil côvados e me fez atravessar a água, que me subiu até os joelhos. Mediu de novo mil côvados e fez-me atravessar a água, que me subiu até os quadris. Mediu, enfim, mil côvados; e era uma torrente que eu não podia atravessar, de tal modo as águas tinham crescido! E era preciso nadar, era um curso de água que não se podia passar (a vau). Viste, filho do homem? - falou-me, e me levou ao outro lado da torrente. Ora, retornando, avistei nas duas margens da torrente uma grande quantidade de árvores. Essas águas, disse-me ele, dirigem-se para a parte oriental, elas descem à planície do Jordão; elas se lançarão no mar, de sorte que suas águas se tornarão mais saudáveis. Em toda parte aonde chegar a corrente, todo animal que se move na água poderá viver, e haverá lá grande quantidade de peixes. Tudo o que essa água atingir se tornará são e saudável e em toda parte aonde chegar a torrente haverá vida. Na praia desse mar estarão pescadores; eles estenderão suas redes desde Engadi até Engalim, e haverá aí peixes de toda espécie em abundância, como no grande mar. (Ezequiel 47,10)

Na décima quarta aula foi analisada a última imagem, correspondente ao número 4 (imagem do centro) e a última com as imagens propostas. Os alunos estavam atentos e falavam o tempo inteiro, como haviam passado rápidas as semanas dos encontros.

O professor então começou a aula pedindo para que todos abrissem os cadernos e anotassem os pontos que ele iria sugerir para discussão da última imagem. Pediu também para que os educandos sugerissem outros pontos para análise.

Os pontos propostos, seguem abaixo:

1. O que vejo?
2. O que não vejo?
3. Quais emoções a imagem me transmite?
4. Quais lembranças ela me remete?
5. Qual música traduziria essa imagem?

Assim que o professor terminou de apresentar os pontos, um educando lembrou-se que poderia também acrescentar o ponto: qual título você daria para essa imagem? A idéia foi acatada por todos que estavam na sala.

O professor estabeleceu um tempo de 20 (vinte) minutos para reflexão individual, mas o debate não ocorreu nessa aula, quando o sinal bateu alguns alunos não haviam feito todas as questões.

Na aula seguinte, os alunos sentaram-se, acomodaram-se e começaram a conversar. O professor fez a intermediação, perguntando se todos haviam feito a atividade, logo foi surpreendido por uma unanimidade: sim. Dessa maneira, o professor pediu para que cada educando colocasse a resposta que deram a cada ponto.

Quanto ao que viam a maioria dos educando colocaram que enxergavam: “vejo um homem com braços abertos, duas mulheres segurando corações, cores brancas e vermelhas”, falaram que viam áurea na cabeça do homem, letras, alguns falaram a palavra, os aluno de alfa, apesar de não terem colocado muita coisa no papel fizeram colocações pertinentes ao que viam, quanto ao que não viam os educandos colocaram que não viam roupas no homem, nem outras cores, além do vermelho e branco. “Não vejo cor no homem, nem roupas, cores”. As emoções foram variadas, alguns falaram que sentiam alegria, outros tristeza, outros ainda felicidade. Percebeu-se que os educandos não escreveram muito como foi pedido e que a discussão foi mais oral, em que uns repetiam a fala do outro.

Quanto às músicas e as lembranças eles não colocaram muitas coisas, praticamente ninguém colocou nada a respeito. O professor perguntou o que havia ocorrido, porque eles não estavam fazendo comentários e um educando colocou-se dizendo que a imagem que sobrou não ajudou muito para pensar. Tal afirmação foi seguida por muitas com a mesma fundamentação.

Com essas colocações, o professor concordou que a última imagem desestimulou o pensamento deles, mas é o que ocorre nos textos escritos, existem aqueles de fácil compreensão e aqueles com maiores dificuldades. Juntos, educandos e educadores, fizeram um debate e resolveram item por item, mas a discussão ficou parada, na dificuldade das imagens, nas mais fáceis, nas mais difíceis. No finalzinho da aula o educador fez a leitura e discussão do seguinte texto:

No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi e o nome da virgem era Maria. Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. (São Lucas 1,26)

No primeiro encontro, os alunos das fases iniciais tiveram mais dificuldade em fazer uma leitura subjetiva da imagem, enquanto os das outras, por já desenvolverem esse trabalho em outras disciplinas, prenderam-se menos aos detalhes das imagens e analisaram a imagem sem separá-la do conhecimento e emoção.

Com o passar dos encontros, a atividade foi se tornando comum para os educandos e a resistência e novidade foram ficando para trás. Na última imagem surgiu a discussão a respeito da complexidade das imagens, fato mais do que notório para justificar a aceitação e compreensão das mesmas pelos educandos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem visual faz parte das nossas experiências. Muito antes de falarmos ou escrevermos, vemos, olhamos e observamos o que está ao nosso redor. Não podemos deixar que as imagens, que nos permeiam, passem por nós de maneira passiva. Devemos fazer delas objetos de análise e estudo, afinal, temos que encarar a visão como um dos sentidos que nos apresenta ao mundo e como nos apresentamos a ele

O homem, desde que vive em sociedade, sempre buscou meios para se comunicar e, por isso, os símbolos visuais foram fundamentais para sua comunicação e representação social. Além de aparato comunicativo entre nossos ancestrais, as pinturas e desenhos rupestres foram importantes documentos históricos para as sociedades futuras.

Vivemos um período, em que podemos utilizar de outras linguagens para nos comunicarmos, não temos mais a necessidade de usar exclusivamente o recurso visual, porém as imagens que nos cercam e nos impressionam, apesar de não darmos seus devidos significados, elas nos representam, através do que vestimos, do que comemos, do que gostamos, elas nos influenciam constantemente, nos formam e informam, muitas vezes de maneira que não nos damos conta.

Primeiramente precisamos entender o poder de influência que as imagens podem ter. Para aplicarmos o recurso iconográfico em sala de aula, é necessário que saibamos e identifiquemos o potencial educativo dessa linguagem, caso contrário o recurso iconográfico, será mais um instrumento sem finalidade de fato.

Os educandos de EJA vivem rodeados de informações visuais, por isso toda sua aprendizagem visual não pode ser meramente descartada em prol da linguagem escrita, pelo contrário é de fundamental importância fazermos delas aparatos pedagógicos, por isso a iconografia é fundamental para o desenvolvimento crítico das imagens

Os Jovens e Adultos que retornam para as salas de aula, depois do tempo regular de estudo, não podem aprender a língua escrita e seus métodos de maneira independente da sua rotina. É necessário que aquilo que é estudado tenha relação, primeiramente, com o que está ao seu redor, para que as palavras façam sentido e não se transformem em um vocabulário decorado.

O uso de imagens na modalidade de ensino citada no parágrafo anterior se faz necessário, uma vez que sabemos a bagagem visual que tais educandos carregam. As imagens circulam pelo meio destes de maneira muito mais íntima que a escrita. Por isso a EJA, precisa desenvolver a competência da leitura crítica e reflexiva das imagens.

Para tanto, é necessário que a estética em que se dê o estudo permita uma qualidade de aprendizagem, os fatores estéticos influenciam na auto-estima do indivíduo e seu bem estar com o ambiente. É impassível se aprender verdadeiramente sem que os fatores externos colaborem.

Não podemos manter firme uma ideologia libertadora se a mesma não estiver aliada as representações estéticas nas quais se encontra inserida. Devemos estar atentos às representações do que pensamos, caso contrario nos tornamos demagógicos. Se faz fundamental perceber a relação dialógica que existe entre estética e ideologia para não acabarmos sem ver o resultado esperado do que pensamos.

Para reconhecermos o potencial das imagens, se torna imprescindível entender que a linguagem visual representa além de pinturas, desenhos, novelas, as nossas sensações e anseios, fato que corrobora na necessidade de representarmos esteticamente nossas ideologias. Que as salas de aula de EJA possam viver da aliança dessas duas últimas e não da dualidade entre ambas.

REFERÊNCIAS

ROSSI, Maria. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.140 p.

SILVA, Maria Lúcia. **O uso da imagem na Educação de Jovens e Adultos: perspectiva na prática pedagógica**. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, campus I.2006. Orientador: Erenildo João Carlos.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. 213 p.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez, 1986 . 113 p.

Vygotsky, L. S. (1987). **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 387p.

LEROI. André, **Consideraciones sobre la organización espacial de las figuras animales en el arte parietal paleolítico**. Madrid . Istmo, 1984.

LOMMEL, Andreas. **O Mundo da Arte: enciclopédia das Artes Plásticas em Todos os Tempos**. Munique. Encyclopaedia Britannica. 1976. 176p

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 261 p.

PARSONS, Michel. **Compreender a arte**. Lisboa: Presença, 1992.

ROSSI, Cláudio. **A psicanálise a as novas formas de experiência humana determinadas pela globalização**. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 2001.

Disponível em: http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto. Acesso em: 25 set. 2008.

SCHRAMM, Marilene. **As tendências pedagógicas e o ensino-aprendizagem da arte**. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting (Org.). *Reflexões sobre o ensino das artes*. Joinville: Ed. Univille, 2001. v. 1, p. 20-35.

MARCONDES, Paulo O Sentido do estético na modernidade e na pós modernidade. *Revista dos pós graduandos de Sociologia da UFPB*. 2003. v 4. Disponível: <http://www.cchla.ufpb.br/paraiwa/04-paulo.html>. Acesso em 10 jul. 2008.

FERNANDES, Florestan. Entre o romance e o folclore. Disponível em: <http://www.folclore.adm.br/literatura.html> . Acesso em 08 set. 2008.

COTRIM, Gilberto, RODRIGUES, Jaime. **Saber e fazer História: Primeiras sociedades, Antiguidade e Idade Média**. São Paulo. Saraiva. 271p.

BARTHES, Roland. **Para/ou onde vai a literatura**. In: VÁRIOS. *Escrever... para quê? para quem?* Lisboa, Cultrix, 1975.

FERNANDEZ, Antônio. Mundo pré Histórico. Disponível em > planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo/prehistoria. Acesso 14 abr. 2008 (http://pt.wikipedia.org/wiki/Amala_e_Kamala, 2008)

Imagens da Turma da Mônica. Disponível em > http://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_da_M%C3%B4nica. Acesso. 03 jun. 2008-11-07.

Imagens do folclore brasileiro. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Folclore_brasileiro. Acesso 24 ago. 2008.

Imagens das Meninas Lobo. Disponível em > http://pt.wikipedia.org/wiki/Amala_e_Kamala, 2008) . Acesso 23 out. 2008

Textos bíblicos. Disponível em > http://www.bibliacatolica.com.br/historia_igreja.php. Acesso 03 nov. 2008.

ANEXO A – IMAGENS BÍBLICAS